

REVISTA



# inovar

Agosto/Setembro 2017  
18ª edição



## PROJETOS INTERDISCIPLINARES:

**A IMPORTÂNCIA DA TROCA DE  
SABERES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Experiência: Luciana Soares Chagas Gavioli



ARTIGO

Ensinar a ensinar? A didática na  
formação de professores

Mariana Spadoto de Barros



ARTIGO

Família: núcleo acolhedor e/ou  
aprisionador

Aline Sposito

COLUNA

Entendendo a adolescência:  
período de significativas transformações,  
transição entre infância e vida adulta que  
merece um olhar atento de educadores e  
famílias

Vânia Cristina Alves Cappelazzo

OPINIÃO Todas as escolas deveriam ser escolas de arte  
Lucirene Catini Lanzi



 artigo

Ensinar a ensinar? A didática na formação de professores

Mariana Spadoto de Barros



 artigo

Família: núcleo acolhedor e/ou aprisionador

Aline Sposito



 coluna

Entendendo a adolescência: período de significativas transformações, transição entre infância e vida adulta que merece um olhar atento de educadores e famílias

Vânia Cristina Alves Cappelazzo



 experiência

Projetos interdisciplinares: a importância da troca de saberes na Educação Infantil

Luciana Soares Chagas Gavioli

15

 opinião

Todas as escolas deveriam ser escolas de arte

Lucirene Catini Lanzi

18

 sugestões

*Livro: Bem do seu tamanho*

Laura Cristina Tackey Gonçalves

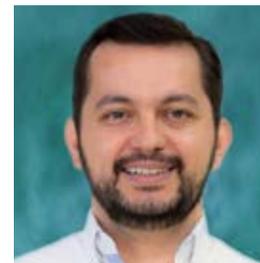
19

 redações em destaque

Textos produzidos por alunos do Colégio Cristo Rei

# editorial

IR. ELTON LOPES  
Diretor Geral do Colégio Cristo Rei



## Experiências do universo escolar

As lições mais valiosas são aprendidas por meio de vivências significativas

### EXPEDIENTE

Produção: Depto. de Marketing do Cristo Rei  
Responsável: Alexandre de Oliveira Andrade  
Jornalista: Natália Santos (Mtb. 51.793)  
Design Gráfico e editoração: Márcio Rodrigo Martins  
Imagens: José Antônio (Zem)  
Revisão: Profa. Fernanda Peres Antonio Estork  
Colaboração: Equipe pedagógica do Cristo Rei  
Fale conosco: [marketing@cristorei.com.br](mailto:marketing@cristorei.com.br)

Diretor Geral: Ir. Elton Lopes  
Diretor Administrativo: Ir. José Roberto de Carvalho  
Diretora Pedagógica: Verediana de Rossi Ferreira da Cunha

### RESPONSÁVEIS DE SETOR

Pedagógico: Heloísa Caprioli M. Silva, Sabrina Sacoman Campos Alves, Regina Cristiane N. Campos Peres, Eliane de Rossi Marconato, Gilson José Amancio, Viviane Cássia T. Reis, Lourival F. da Cunha, Luiz Célio de Oliveira e Selma Leila B. Martins.

Secretaria: Ivo F. Dutra  
Tesouraria: Elizabeth Cristina Mazzo  
Biblioteca: Lucirene Catini Lanzi  
Juventude Cristo Rei: Ir. Felipe Paiva e Jaqueline Santana Alves  
Gráfica: Ronaldo Antonio Pallota  
Serviços Gerais: Ir. José Roberto de Carvalho  
Tecnologia: Rogério Henrique da Silva  
Internacional: André Zimmermann

### COLÉGIO CRISTO REI

Av. Cristo Rei, 270 - Bairro Banzato - Marília/SP -  
Cep: 17.515-200  
Fone: (14) 3402-2399  
[www.cristorei.com.br](http://www.cristorei.com.br) / [colegio@cristorei.com.br](mailto:colegio@cristorei.com.br)

Quanta coisa estudamos na escola... Quantos cálculos matemáticos, quantas normas gramaticais, quantas fórmulas físicas, quantos elementos químicos, quantos dados históricos, quantas características geográficas, quantas espécies, enfim, seriam necessárias páginas e mais páginas para elencarmos todos os conteúdos aos quais temos acesso ao longo da vida escolar. Todos os conceitos que fazem parte do currículo acadêmico nos dão acesso ao saber produzido pela humanidade desde o princípio até os dias atuais. Cada lição compõe uma peça importante na formação do repertório de cada estudante.

Entretanto, vale destacar que o conhecimento científico, ou seja, aquele que integra o programa formal de cada disciplina escolar, encontrado nas apostilas e nos livros, é apenas parte dos ensinamentos do processo de formação.

Ao longo da Educação Básica, é papel das instituições de ensino equilibrarem teoria e prática, formação acadêmica e humana, conceitos científicos e habilidades socioemocionais. Afinal, cada criança, adolescente e jovem que ocupa as carteiras escolares precisa ser contemplado em sua integralidade, considerando os aspectos biopsicossociais. O educador é alguém que enxerga o estudante como um ser único, com ideias, personalidade, bagagem e, principalmente, com visão própria do mundo. É inconcebível que se pense no aluno como um depósito de informações, um recipiente vazio que precisa ser preenchido.

Sendo assim, as experiências no universo escolar devem ir além das aulas expositivas, das provas e da via de mão única que, muitas vezes, resume a relação professor-aluno.

Por isso, no Colégio Cristo Rei, priorizamos uma proposta pedagógica baseada na construção do conhecimento pelo aluno por meio da experimentação, dos projetos, do convívio, dos relacionamentos e do exercício cotidiano de saberes e de valores.

Nesta edição da Revista Inovar, você vai se deparar com exemplos de como nossos educadores concebem a didática de ensino e, por meio dela, possibilitam momentos de aprendizagem significativos que aliam conceitos teóricos e vivências práticas. Leia as próximas páginas e perceba que a busca pela educação de excelência é uma missão contínua, viva, cheia de trocas e muito dinamismo.

Aproveite a leitura!

# artigo



## Ensinar a ensinar?

### A didática na formação de professores

Historicamente, a Didática se ocupa daquilo que se refere ao que é próprio do ensino. Materiais utilizados no processo educativo ou técnicas, posturas, práticas, modo de fazer, enfim, aquilo de que o professor lança mão para alcançar seu objetivo de ensinar recebe como qualificador tal denominação. Como disciplina e campo específico de conhecimento dentro da Pedagogia, a Didática vem buscando constituir-se como teoria dentro das universidades.

Nos cursos de formação de professores no Brasil, historicamente, os saberes necessários para ser professor e saber ensinar receberam diferentes denominações que não apenas Didática. No programa das primeiras escolas normais brasileiras, Pedagogia ou Método de Ensino ocupavam a primeira cadeira (MOACYR, 1939, p. 232 apud TANURI, 2000). Na ocasião, sua essência prescritiva ocupava-se das rudimentares demandas da educação primária. Tais conhecimentos eram cercados da descrença da população sobre a necessidade de saberes específicos para ensinar as primeiras letras às crianças. Tal concepção revelava o seguinte pensamento: Para que estudar para ensinar as primeiras letras às crianças? Quem sabe ler e escrever que passe adiante!

A Reforma Leôncio de Carvalho, ocorrida em 1879, expressa o desenvolvimento da complexidade do currículo específico para a formação do professor, que passa a contar com "pedagogia e prática do ensino primário em geral; prática do ensino intuitivo ou lição de coisas." (TANURI, 2000, p. 67).

Não é de hoje que a noção de "prática" do professor é tomada como maneira de formar um professor. Desde 1849, oficializando-se em 1854, na então Província do Rio de Janeiro, os professores adjuntos, como eram chamados os aprendizes de professores que acompanhavam seus mestres no exercício da função, eram contratados como professores quando bastava

que observassem o seu modo de operar e os ajudassem, adquirindo "prática" dessa forma. Isso se deu após o fechamento temporário da escola normal existente no local, mas, mesmo após a instalação de futuras escolas normais, tal contratação permaneceu como legítima. (TANURI, 2000, p. 65).

No final do século XX, a Didática como campo de conhecimento e disciplina passou por revisões críticas. Freitas (2012) denomina de "Didática Fundamental" o movimento de produção teórica crítica da década de 1980 que se opõe à

concepção de Didática advinda da década de 1970, que exaltava o método e a técnica de ensino, baseada em procedimentos formalizados e neutros. Essa nova visão emergia dos diversos seminários de Didática do início daquela década.

Freitas (2012) expõe no quadro a seguir as produções por ele selecionadas da Didática Fundamental neste período.

**“ Não é de hoje que a noção de “prática” do professor é tomada como maneira de formar um professor. ”**





## artigo

### Figura 1 - Produções selecionadas sobre a Didática Fundamental na década de 1980

- ANDRÉ, M.E.D.A. "Em busca de uma didática fundamental". In: V.M. Candau (org.) *Rumo a uma nova didática*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_. "A pesquisa na didática e na prática de ensino". In: V.M. Candau (org.) *Rumo a uma nova didática*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_. "A contribuição da pesquisa etnográfica para a construção do saber didático". In: M.R.N.S. Oliveira *Didática: Ruptura, compromisso e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1993.
- ANDRÉ, M.E.D.A. e MEDIANO Z.. "O cotidiano da escola: Elementos para a construção de uma didática fundamental". In: V.M. Candau (org.) *Rumo a uma nova didática*. Op. cit.
- CANAU, V. M. (org.) *A didática em questão*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1984.
- \_\_\_\_\_. "A didática e a formação de educadores — da exaltação à negação: A busca da relevância". In: V.M. Candau (org.) *A didática em questão*. Op. cit.
- CANAU, V. M. (org.) *Rumo a uma nova didática*. Op. cit.
- CANAU, V.M.. "A revisão da didática". In: V.M. Candau (org.) *Rumo a uma nova didática*. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. "A didática e a relação forma/conteúdo". In: V.M. Candau (org.) *Idem*.
- \_\_\_\_\_. "A formação de educadores: Uma perspectiva multidimensional". In V.M. Candau (org.) *idem., ibid.*
- \_\_\_\_\_. "Tem sentido hoje falar de uma didática geral?" In: V.M. Candau (org.) *idem., ibid.*
- OLIVEIRA, M.R.N.S. *A reconstrução da didática: Elementos teórico-metodológicos*. Campinas: Papirus, 1992.
- \_\_\_\_\_. "A sala de aula como objeto de análise na área da didática". In M.R.N.S. Oliveira. *Didática: Ruptura, compromisso e pesquisa*. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. "Elementos teórico-metodológicos no processo de construção e reconstrução da didática (Para uma nova teoria da prática pedagógica escolar)". In: M.R.N.S. Oliveira, *idem.*

FONTE: Freitas (2012, p. 21).

Em suma, Freitas (2012), ao analisar as propostas de resignificação da Didática, explica que elas passam pelo seguinte direcionamento: ensinar e aprender, focos de estudo da Didática, para serem compreendidos, devem ser analisados considerando as muitas dimensões envolvidas nesses dois processos - dimensões humana, político-sociais, técnicas. Assim, ao olhar para a prática escolar, a Didática deve contribuir para reconstruí-la, revelando tais dimensões e suas contradições e considerando a instituição em que essa prática acontece, a própria dimensão pedagógica do processo e a epistemologia que a

envolve. Em oposição à Didática Instrumental, formalizada e descontextualizada, está, assim, a Didática Fundamental, conectada com os elementos estruturantes da realidade.

No célebre Seminário intitulado A Didática em Questão, realizado em 1982, pensadores brasileiros discutiram o papel da Didática na formação de professores no Brasil e criticaram sua utilização meramente tecnicista. Em um dos textos que registra tais discussões, Candau (2011) expõe porque considera a construção dessa Didática Fundamental na formação dos professores necessária para que eles protagonizem a transformação da educação no país, que se mostrava insuficiente em um momento de ampliação de vagas da escola pública:

*Nesta perspectiva, a reflexão didática parte do compromisso com a transformação social, com a busca de práticas pedagógicas que tornem o ensino de fato eficiente (não e (sic) deve ter medo da palavra) para a maioria da população. Ensaia. Analisa. Experimenta. Rompe com uma prática profissional individualista. Promove o trabalho em comum de professores e especialistas. Busca as formas de aumentar a permanência das crianças na escola. Discute a questão do currículo em sua interação com uma população concreta e suas exigências, etc.*

*Este é, a meu ver, o desafio do momento: a superação de uma didática exclusivamente instrumental e a construção de uma didática fundamental. (CANAU, 2011, p. 23-24).*

Da Didática Instrumental à Fundamental, as instituições formativas de professores em todo o Brasil perpassam pelas duas - e não só por elas - além de apresentarem suas culturas próprias constituindo seus meios de ensino e de aprendizagem, não havendo um único fio condutor de pensamento dentro da história da disciplina.



## artigo

### Didática como teoria de formação

No que se refere à importância da disciplina Didática na formação dos professores e nas práticas educativas, Libâneo (2001) traz à luz a questão da finalidade do educar. Para o autor, o objeto de estudo da Didática inclui os objetivos, conteúdos, métodos e formas de organização da aula relacionados entre si, de modo a propiciar condições e possibilidades de aprendizagem aos alunos.

Assim, a Didática orienta o professor na direção que segue e na execução das tarefas educativas, gerando a segurança profissional de que necessita para a realização de seu complexo trabalho. Libâneo (2001) salienta, entretanto, que além de conhecer o processo que o aluno terá de vivenciar para aprender, o professor precisa ter como premissa a finalidade da educação que promove à qual submeterá todas as estratégias de ensino pensadas, já que a educação se dá num contexto sócio-histórico no qual cada grupo social vê a educação com finalidades distintas.

*A didática, portanto, trata dos objetivos, condições e meios e realização do processo de ensino, ligando meios pedagógico-didáticos a objetivos sociopolíticos. Não há técnica pedagógica sem uma concepção de homem e de sociedade, como não há concepção de homem e sociedade sem uma competência técnica pra realizá-la educacionalmente. (LIBÂNEO, 2001, p. 02).*

Pimenta (2012), em uma discussão sobre a ressignificação da Didática frente aos desafios atuais que se colocam aos processos de ensino dentro das escolas, expõe "que as novas possibilidades da Didática estão emergindo das investigações sobre o ensino como prática social viva". (PIMENTA, 2012, p. 17). Sendo o fenômeno ensino o objeto de estudo da Didática, ela aponta para a importância de as investigações científicas nessa área priorizarem a construção de novos saberes que auxiliem na superação das desigualdades sociais e culturais que o ensino pode perpetuar, além de propor uma agenda de investigações no campo da Didática.

Franco (2012) evidencia sua preocupação com o ensino da disciplina Didática nas licenciaturas. Apesar de nas últimas décadas, no Brasil, a Didática vir se ressignificando e se afirmando como teoria da formação, ancorando-se em uma con-

cepção de ensino como prática social e fundamentada por saberes teórico-práticos, ainda é grande o viés tecnicista, acrítico e alienante dessa disciplina na formação do educador.

Nesse sentido, conhecer a história da Didática no interior das instituições formativas de professores subsidia possibilidades de formação eficientes, assertivas e em consonância com a nova configuração da Didática.

### Referências bibliográficas

- CANDAU, V. M. (Org). **A didática em questão**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FRANCO, M. A. S. Didática e Pedagogia: da teoria de ensino à teoria da formação. In: FRANCO, M. A. S.; PIMENTA, S. G. (Orgs). **Didática: embates contemporâneos**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 75 - 99.
- FREITAS, L. C. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- LIBÂNEO, J. C. **O essencial da Didática e o trabalho do professor**: em busca de novos caminhos. Goiânia, 2001. Disponível em: <http://novo.limaribeiro.net/File/Content/Document/pt-br/didatica-do-ensino-superior-o-ssencial-da-didatica.pdf>. Acesso em 04 abr. 2014.
- PIMENTA, S. G. Epistemologia da prática ressignificando a Didática. In: FRANCO, M. A. S.; PIMENTA, S. G. (Orgs.). **Didática: embates contemporâneos**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- TANURI, L. M. História da formação de professores. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 14, p. 61-88, maio/ago. 2000.
- \*O texto apresentado é parte da dissertação de Mestrado em Educação intitulada **UMA HISTÓRIA DA DISCIPLINA DIDÁTICA DO CEFAM DE MARÍLIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORAS COORDENADORAS PEDAGÓGICAS (1990 A 2002)**, na Linha de Pesquisa Filosofia e História da Educação, do Programa de Pós-Graduação da UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, concluída em 2017.



MARIANA SPADOTO DE BARROS  
Mestre em Educação  
Professora de Língua Portuguesa  
do Colégio Cristo Rei

## artigo



# Família: Núcleo acolhedor e/ou aprisionador

A origem da palavra família gera dúvidas. Há quem defina como do latim *fames* ("fome") e quem a descreva como derivada do termo *famulus* ("servente"). O conceito de família era usado para fazer referência ao conjunto de escravos e criados enquanto propriedade de um só homem.

Atualmente, o conceito de família é o nome referência à principal forma de organização dos seres humanos. É um agrupamento social baseado em laços de parentesco. Os laços de parentesco podem ser de dois tipos: por afinidade procedente de um vínculo reconhecido socialmente (como o casamento ou a adoção) e de consanguinidade (a filiação entre pais e filhos, por exemplo) (CORREA, 2000).

No presente artigo, chamaremos de família nuclear a organização formada pelos pais e seus filhos, seja por afinidade ou por consanguinidade.

O Núcleo Familiar é um grupo gerador do processo de transmissões psíquicas em que as ideologias familiares são transmitidas e contribuem com significativa integração de pertencimento. Correa (2000) descreve as seguintes etapas do processo de transmissão psíquica da ideologia familiar organizadora:

*"a) identificatória, já que impõe uma imagem da família vinculada a um ideal que tem uma dimensão histórico-geracional como legado familiar;*

*b) organizadora, através da qual define papéis, lugares, hierarquias, administra trocas e conflitos, de modo a manter a imagem idealizada e ao mesmo tempo articular uma ponte com a realidade;*

*c) de contenção (contenant), uma vez que separa, como um "Eu pele" (Anzieu), o exterior do interior, sendo simultaneamente um espaço de proteção e referência identitária;*

*d) defensiva, já que organiza e seleciona os mecanismos específicos da singularidade de uma família, priorizando os mecanismos defensivos de cada membro do grupo em cada situação grave de crise; em particular, reforça os vínculos simbióticos ou fusionais diante da ameaça de desestruturação;*

*e) de representação, pois preserva a imagem do "si mesmo familiar" e efetua uma filtagem na tradução ou recorte que cada família faz da realidade. Neste nível, localiza-se uma das fontes dos segredos familiares (Ruiz Correa 1992)" (Correa, 2000)*





## artigo

**“A transmissão de uma geração a outra está ligada a uma continuidade evolutiva, para que não se inicie do zero, há uma herança, um legado.”**

Há censuras no núcleo familiar que criam uma barreira para a individualização uma vez que a autonomia pode gerar questionamentos da ideologia familiar. “A função central da censura familiar é preservar o vínculo familiar compreendido como aquele que possibilita a moderação ou a luta contra o surgimento das angústias mais arcaicas com as de despedaçamento, fragmentação etc” (Correa, 2000).



A transmissão de uma geração a outra está ligada a uma continuidade evolutiva, para que não se inicie do zero, há uma herança, um legado. Desde os primórdios da humanidade podemos perceber esta preocupação. No filme “Os Croods” a personagem Lip lembra dos desenhos deixados nas cavernas para mostrar o que era perigoso, uma forma de comunicar a próxima geração sobre os legados. Os sentimentos e emoções, como o medo, a culpa, a vergonha, a insegurança, a alegria também são transmitidos através de imagens que funcionam como símbolos que podem ser alimentadas por três fontes segundo Correa (2000): “a) a vida libidinal do próprio sujeito; b) traços de experiências dolorosas vivenciadas pelos pais ou ascendentes que não foram introjetadas; c) censuras ou segredos familiares, não necessariamente traumáticos ou dolorosos, que se transformaram em sofrimento no decorrer das gerações à medida que não puderam ser compartilhados e elaborados; por exemplo, os segredos de filiação do qual não participaram os próprios interessados”. Estes símbolos são internalizados passando a reger a conduta da criança e posteriormente do adulto, caso não consiga pensar a respeito de seus sentimentos. Para expandir é necessário romper a censura e vivenciar as

próprias experiências.

O processo de transmissão psíquica “implica ligações com e entre diferentes níveis intrapsíquicos e intersubjetivos intermediadas pelo grupo, pelos agenciamentos e pelas aparelhagens das formações psíquicas mobilizadas, favorecendo transformações e conduzindo a uma diferenciação, uma evolução entre o que é transmitido e o que herdado e depois adquirido. Esse trabalho permite a cada geração situar-se em relação às

outras, inscreve cada sujeito em uma cadeia e um grupo, ou grupos, funda sua própria subjetividade, constituindo sua história e tornando-o proprietário de sua herança” (Correa, 2000).

Há dois tipos de transmissão psíquica que são interligadas e complementares de acordo com Correa (2000):

*“Intergeracional: inclui aspectos da metabolização do material psíquico transmitido por uma geração próxima que, transformado, passa à seguinte. Nesta modalidade, a transmissão percorre o tecido relacional intragrupal e as relações objetais, constituindo a herança “positiva” da filiação. Esta atravessa os vínculos intrasubjetivos de identificação, delimitando um reservatório fantasmático familiar;*

*Transgeracional: refere-se, em particular, a uma modalidade defeituosa da transmissão que inclui os objetos psíquicos de uma herança genealógica mais distante, na qual encontramos lacunas e vazios de transmissão. Estes são aspectos da denominada (“denegação”) pelo não revelado, que não apresentam possibilidade de simbolização. Incluem o que foi escondido ou calado pelos ancestrais, bloqueando os processos de transformação psíquica, por exemplo, doenças, transgressões familiares e sociais, humilhações, desconhecimento dos genitores reais e diversos traumatismos”.*



## artigo



A personagem Lip do filme "Os Croods" tinha o desejo de sair da caverna, conhecer coisas novas, amava o sol. Entretanto, havia a transmissão verbal e psíquica de que coisas novas traziam ameaças, geravam perigo, impediam a expansão para que houvesse a transformação, ou seja, saíssem da idade da "pedra" e conhecem outras descobertas como o fogo por exemplo. Lip rompeu com a censura familiar, ela recebeu a transmissão, o que foi herdado, mas conseguiu construir sua identidade dentro de seu núcleo familiar. E assim, através deste movimento, ajudou sua família nuclear a pensar sobre seus medos e inseguranças em enfrentar situações novas. Cada geração que nasce pode proporcionar a possibilidade de gerar questionamento e de pensar sobre as transmissões que estão de geração a geração.

As crianças, na primeira infância, se identificam com cada um de seus pais e isto está vinculado aos seus desejos inconscientes em relação ao filho. É muito comum ouvir "O que eu não tive, darei ao meu filho"; "Sempre quis fazer balé, minha filha irá fazer"; "Meu sonho era ser jogador de futebol e meu filho vai ser". Estes mecanismos favorecem a transmissão e pode criar um "nó" aprisionador em que as crianças deixam sua individualidade e passam a viver o sonho e desejo de seu núcleo familiar.

O pensamento autônomo é percebido inconscientemente como ameaçador porque permite uma discriminação que pode ameaçar a identidade fusional do núcleo familiar. A crian-

ça assume um "jeito de ser" ou um "lugar" no núcleo familiar para não desapontar os pais, para não destoar de um funcionamento que, por muitas vezes, está ocorrendo de geração a geração sem possibilidade de ser pensado e transformado. Correa (2000) descreve que "a patologia se instala quando a censura familiar deixa de funcionar como precursora das proibições fundamentais mencionadas e passa a desempenhar uma função essencialmente repressiva, sem referência a uma lei externa. Em muitos casos, a criança é coagida a

optar em circunstâncias nas quais é ainda vital e psicologicamente dependente, entre sua singularidade e a lealdade à família. Individualização e adesão ao núcleo familiar são apresentados como alternativas excludentes e não como uma complementaridade transicional".

As experiências de autonomia vivenciadas na primeira infância auxiliam na individualização e podem desenvolver um adulto com pensamentos autônomos, capazes de receber as transmissões psíquicas, pensar e modificá-las. Assim como podemos ver no filme, "Os Croods" saíram da caverna de onde

viviam no "escuro" para conquistar territórios e descobrir que tinham internamente muitos recursos para enfrentar as adversidades que surgem no decorrer da vida.

A construção da identidade se inicia no núcleo familiar que tem a função de acolher separando o interno do externo,

o que é singular e o que é do núcleo familiar. Posteriormente, os grupos secundários auxiliam inseridos em um contexto de pertença cultural, como por exemplo, a escola.

Uma frase atribuída a Mario Quintana diz "O amor é isso. Não prende, não aperta, não sufoca. Porque quando vira nó, já deixou de ser laço". Quando o núcleo familiar é um lugar de aprisionamento, não permitindo existir a singularidade de cada membro que o compõe, o laço de parentesco deixou de existir e há um nó. Os laços de parentescos precisam permitir a construção de uma identidade, é preciso que a singularidade

**“O amor é isso. Não prende, não aperta, não sufoca. Porque quando vira nó, já deixou de ser laço”**



## artigo

de cada membro fique aparente, que seja acolhido e contido para que a criança sintá-se segura em existir, em ser um humano com pensamento autônomo, com coragem de enfrentar as situações e a cada momento tenha descoberta de recursos internos. E, que o núcleo familiar seja como um lugar de acolhimento, refrigério e não de julgamento e aprisionamento que impeça o indivíduo de realizar suas próprias descobertas e escrever sua própria história.



## Referências bibliográficas

CORREA, O. B. R. **O legado familiar**: a tecelagem grupal da transmissão psíquica. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

CORREA, O. B. R. (org.); BENGHOZI, P.; GRANJON, E.; KAES, R.; PUGET, J. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000.

Conceito de família - **O que é, Definição e Significado**. Recuperado em 18/07/17 às 8h30. Disponível em: <http://conceito.de/familia#ixzz4nlnQTY1D>



ALINE SPOSITO  
Psicóloga da Ed. Infantil do Colégio Cristo Rei

# coluna



## Entendendo a adolescência

Período de significativas transformações, transição entre infância e vida adulta que merece um olhar atento de educadores e famílias

A adolescência é uma fase de mudanças do ser humano em que o indivíduo enfrenta muitos conflitos. Constitui-se de uma fase singular da vida, que está conectada a experiências da infância e às potencialidades inerentes ao indivíduo adulto, o que a caracteriza como um período de significativas transformações.

Segundo Aberastury e Knobel, a adolescência não deve ser vista apenas como uma passagem para a vida adulta. A criança entra na adolescência com muitos conflitos e incertezas e precisa sair dela com sua maturidade estabilizada, com caráter e personalidades adultos. "A consequência final da adolescência seria um conhecimento de si mesmo como entidade biológica no mundo, o todo biopsicossocial de cada ser nesse momento de vida" (Aberastury e Knobel, 1989, p. 30).

Os adolescentes estão no limiar do amor, da escolha de uma profissão e da participação na sociedade adulta. Quando um adolescente se depara com escolhas, não está apenas em jogo seus interesses, mas também a maneira como ele vê o mundo, como ele próprio se vê, as informações que possui, as influências externas advindas do meio social e, principalmente, da família.

Durante sua trajetória, o adolescente passa por mudanças e enfrentamentos sociais, que poderão repercutir em sua vida, dependendo do contexto em que está inserido. Segundo

Erikson (apud PAPALIA, 2009, p. 437), "a principal tarefa da adolescência é a resolução da crise de identidade (identidade X crise de identidade) de modo a tornar-se um adulto singular

com uma percepção coerente do seu "próprio eu" e com um papel valorizado na sociedade."

A identidade se forma à medida que os jovens solucionam três questões importantes: a escolha da profissão, a adoção de valores segundo os quais viverão e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória.

Para viver satisfatoriamente essa etapa da vida, o adolescente deve cumprir aquilo que Erikson chama de tarefas do desenvolvimento:

- conhecer a si mesmo;
- adotar um papel sexual;
- conseguir autonomia diante da família;
- definir-se vocacionalmente;
- atingir relações interpessoais autônomas para consolidar sua identidade.

**“ Os adolescentes estão no limiar do amor, da escolha de uma profissão e da participação na sociedade adulta. ”**





Todo esse processo gera, no adolescente, momentos de desequilíbrio e instabilidade extremos, deixando-o muitas vezes inseguro, confuso, angustiado, incompreendido por pais e professores, o que pode acarretar problemas para os seus relacionamentos com as pessoas mais próximas do seu convívio social. Entretanto, essa crise desencadeada pela adolescência é de fundamental importância para o desenvolvimento psicológico dos indivíduos, o que faz dela uma crise normativa.

Para atingir um novo estágio da vida, o adolescente precisa superar essa crise, que é inevitável. Ninguém pode, em longo prazo, viver sem crises ou conflitos, pois ninguém pode satisfazer todos os seus impulsos, nem se libertar de toda e qualquer forma de ansiedade.

Não é fácil para o jovem refletir sobre quem é e como as pessoas o veem. Julgar-se e ser julgado passa a ser uma tarefa difícil. Para Arminda Aberastury "a adolescência é um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento."

É importante salientar que as constantes mudanças de humor são características normais da adolescência e fazem parte do processo de luto enfrentado nessa idade. No entanto, "a quantidade e a qualidade da elaboração dos lutos da adolescência determinarão a maior ou a menor intensidade dessa expressão e desses sentimentos" (Aberastury e Knobel, 1989, p. 58). Os adultos têm um papel central neste processo, pois oferecem a base inicial aos mais jovens, a bagagem de regras e normas essenciais para o social, bem como atuam como modelos introjetados, geralmente como ideais, cujas atitudes e comportamentos serão transmitidos às gerações que os sucedem (Biasoli-Alves, 2001).

A família, desde os tempos mais antigos, corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação (Biasoli-Alves, 2004). Pode-se dizer, assim, que esta instituição é responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes (Schenker & Minayo, 2003). Nesta perspectiva, a família tem como finalidade estabelecer formas e limites para as relações estabelecidas entre as gerações mais novas e mais velhas (Simionato-Tozo, 1998), propiciando a adaptação dos indivíduos às exigências do conviver em sociedade. Por essas razões, torna-se importante que os pais invistam tempo e se comprometam a buscar orientação para auxiliarem seus filhos nesse período de mudanças que ocorrem em suas vidas. Assim, os pais tornam-se suportes emocionais aos quais os adolescentes podem recorrer diante das dificuldades que enfrentam.

metam a buscar orientação para auxiliarem seus filhos nesse período de mudanças que ocorrem em suas vidas. Assim, os pais tornam-se suportes emocionais aos quais os adolescentes podem recorrer diante das dificuldades que enfrentam.

“**a adolescência é um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento.**”

#### Referências bibliográficas

ABERASTURY, A. e cols. Adolescência. Porto Alegre: **Artes Médicas, 1990.** ABERASTURY, A.; KNOBEL. M. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Trad. S. M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BIASOLI-ALVES, Z. M. (2001). **Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas.** Em Z. M. Biasoli-Alves & R. Fischman (Orgs.), Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância (pp.79- 93). São Paulo: EDUSP.

SCHENKER, M. & MINAYO, M. C. S. (2003). **A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica.** Ciência & Saúde Coletiva, 8(1), 707-717

SIMIONATO-TOZO, S. M. P. & BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (1998). **O cotidiano e as relações familiares em duas gerações.** Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação, 8(14/15), 137-150.



VÂNIA CRISTINA ALVES CAPPELAZZO  
Pedagoga, psicóloga e professora do  
Colégio Cristo Rei

# experiência



## Projetos interdisciplinares

### A importância da troca de saberes na Educação Infantil

O projeto desenvolvido em sala de aula deve ser considerado um recurso, uma ajuda, uma metodologia de trabalho que tem como um dos seus objetivos dar vida ao conteúdo explorado. Ele se apresenta como um meio de articulação das várias linguagens e atividades de expressão, como por exemplo música, brincadeiras, construção de histórias, visitas, palestras de profissionais da área específica, entre outras.

Ao se trabalhar com um projeto, existe uma ação intencional do professor em relação a sua prática pedagógica e aos resultados a serem alcançados com as crianças a fim de que ocorra uma aprendizagem significativa e que faça com que a criança tenha uma participação ativa em todas as etapas de construção do seu conhecimento.

O papel do professor, durante o processo de desenvolvimento do projeto, deve ser o de mediador durante as vivências favorecidas às crianças, no qual ele estará intervindo para que se ocorram a ampliação dos saberes, a troca de experiências, o respeito mútuo e o desenvolvimento da autonomia a fim de promover o protagonismo da criança. Na pedagogia de projetos, a atividade do educando é determinante na construção do seu saber operatório pois, o mesmo nunca está sozinho ou isolado porque age em constante interação com os meios ao seu redor.

Segundo Barbosa e Horn (2008) "A pedagogia de projetos vê a criança como um ser capaz, competente, com um imenso potencial e desejo de crescer. Alguém que se interessa, pensa,

duvida, procura soluções, tenta outra vez, quer compreender o mundo a sua volta e dele participar, alguém aberto ao novo e ao diferente. Para as crianças, a metodologia de projetos oferece o papel de protagonistas das suas aprendizagens, de aprender em sala de aula, para além dos conteúdos os diversos procedimentos de pesquisa, organização e expressão dos conhecimentos."



É com esta intenção que na Educação Infantil do Colégio Cristo Rei vivenciamos várias atividades favorecendo a interdisciplinaridade entre o que é proposto pelo material Anglo e tudo o que surge através do interesse das crianças, através do que vem sendo proposto à turma através da prática em sala de aula. Em paralelo a essas atividades, realizamos o trabalho com os projetos, em que explora toda diversidade de intenções através da di-

mensão que é dada ao assunto em destaque.

As crianças já iniciam o ano sabendo que terão um projeto a ser desenvolvido e passam a prestar atenção aos assuntos que abordamos, mas, também a tudo que está ao seu redor no ambiente escolar. São sempre muito curiosas e perspicazes, por isto é comum surgirem assuntos dos mais variados temas, como por exemplo: comportamento social, alimentação, natureza, animais domésticos ou silvestres, insetos, brincadeiras típicas, meios de comunicação e transporte, entre outros.

Após surgir o tema a ser desenvolvido no projeto, é necessário definir exatamente o enfoque a ser dado a ele e seus



## experiência

objetivos específicos. A escolha do nome do projeto também conta com a participação e envolvimento do grupo e é comum que as crianças falem sobre seus conhecimentos prévios acerca do tema.

De acordo com Aquino (2002) "Enriquecer o universo infantil requer, por um lado, promover a diversidade de elementos (objetos e eventos) nas situações cotidianas e, por outro lado, compreender que o processo de desenvolvimento é longo, não cumulativo, no qual se operam mudanças qualitativas".

Durante o desenvolvimento do projeto, a interdisciplinaridade é possível devido ao percurso de trabalho, através do planejamento elaborado em conjunto, com a escolha dos conteúdos abordados, com a intencionalidade da pesquisa e através das trocas de opiniões. E é neste meio que a criança interage e aprende, constrói hipóteses, realiza constatações e elabora o conhecimento adquirido.

### Projeto sobre os pássaros rende muitas descobertas

O tema escolhido pela turma do infantil II B em 2017, contempla o conhecimento e as curiosidades envolvendo os pássaros. Foi através de um passarinho que as crianças encontraram caído no parque que a turma ficou instigada a saber mais sobre esta espécie. Através de então, demos início a um levantamento do conhecimento prévio das crianças sobre os pássaros, pesquisas na internet e livros (imagens, poesia, letra de música, espécies nativas), leitura de histórias, releitura de obra de arte, contextualização com os assuntos trabalhados diariamente em sala, registro gráfico, classificação por cor, tamanho, espécies, aula-passeio com monitoramento específico e palestra de uma veterinária com devido conhecimento na área, a construção da história de um livro e a visita de uma espécie de pássaro que a sua sobrevivência vem sendo ameaçada; a Arara-vermelha-grande.

Com essas abordagens, foram trabalhados vários conteúdos como natureza e sociedade, tipos de alimentação de cada espécie, conteúdos matemáticos, oralidade, linguagem, gêneros textuais que contribuem para o desenvolvimento das habilidades motoras, sociais, físicas, musicais, linguísticas, com

a resolução de problemas, na ampliação de vocabulário e nos cuidados com a preservação da fauna.

A avaliação da aprendizagem, através do trabalho com projeto, se dá no dia a dia, em que conseguimos destacar a mudança no desenvolvimento de cada um, através de suas particularidades e potencialidades, percebendo a importância da exploração das diferentes áreas do conhecimento se fazer real e significativa a cada um, permitindo que a criança atue sobre seu conhecimento.

**“É de fundamental importância salientar que a parceria com as famílias contribui muito para que o projeto também seja realizado com sucesso.”**

É de fundamental importância salientar que a parceria com as famílias contribui muito para que o projeto também seja realizado com sucesso e para que a criança perceba a importância das trocas estabelecidas em grupo. Eles se sentem muito motivados através do interesse que a família demonstra

colaborando com as pesquisas, trazendo objetos, manuseando livros e prestigiando os acontecimentos que se encaixam ao projeto desenvolvido pela sua turma.

### Referências bibliográficas

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Aquino, Lígia M.M. L. **O lugar do erro na Educação Infantil: a reconstrução do conhecimento das professoras**. Tese de Doutorado. Niterói. UFF, 2002.



LUCIANA SOARES CHAGAS GAVIOLI  
Professora da Educação Infantil do  
Colégio Cristo Rei

# opinião



## Todas as escolas deveriam ser escolas de arte

Criatividade, confiança e pensamento crítico devem ser prioridades educacionais

Seria melhor que todas as escolas fossem de Arte? Esse é o ponto de vista de Will Gompertz (2015), considerado um dos cinquenta pensadores mais criativos da atualidade, em seu livro: "Pense como um artista e tenha uma vida mais criativa e produtiva".

Ele não sugere que há pouco a se admirar em nossos sistemas de educação formal, mas alega que há sempre espaço, para alguma inovação. Sobretudo se levarmos em conta os efeitos disruptivos da revolução digital, além de inúmeras oportunidades que estão sendo criadas para reimaginar como a educação pode ser administrada e recebida no futuro.

Segundo Gompertz (2015, p.190), as escolas e universidades ao redor do mundo têm reconhecido rapidamente os desafios e possibilidades trazidos pela era digital. "Presenciamos a chegada dos cursos *online* abertos, que até fornecem aulas de acesso livre na internet, proferidas por especialistas de renome internacional em diversos assuntos."

E há também o novo modelo de "Sala de Aula Invertida"

(BERGMANN; SAMS, 2011), em que os alunos usam o espaço físico da escola ou da universidade como plataforma social para compartilhar e desenvolver ideias, enquanto a internet é utilizada como um lugar para assistir às aulas expositivas.

Essas iniciativas por si só já são libertadoras, e provavelmente ajudarão os alunos a adquirir mentalidade independente e autossuficiência, dois grandes passos para fomentar um cultivo da criatividade. Mas, penso que a visão de Gompertz (2015) vá um pouco além. Ela se baseia em sua própria experiência na escola de Arte, que segundo afirma, ensinou-o "como pensar, não o que pensar". Para ele, o principal problema está

Essas iniciativas por si só já são libertadoras, e provavelmente ajudarão os alunos a adquirir mentalidade independente e autossuficiência, dois grandes passos para fomentar um cultivo da criatividade. Mas, penso que a visão de Gompertz (2015) vá um pouco além. Ela se baseia em sua própria experiência na escola de Arte, que segundo afirma, ensinou-o "como pensar, não o que pensar". Para ele, o principal problema está



**“ Segundo Gompertz (2015, p.190), as escolas e universidades ao redor do mundo têm reconhecido rapidamente os desafios e possibilidades trazidos pela era digital. ”**



## artigo

no corpo estreito de conteúdos ensinados nas escolas, que ao longo de gerações tem sido codificado em um conjunto de regras fechadas e limitadas. Para ele, no entanto, a Arte – e por extensão, a criatividade – “significa quebrar regras” e “descobrir coisas novas”.

Existe, é claro, um paradoxo na noção de que os alunos devem ir à escola para aprender a quebrar as regras, mas talvez valha a pena ponderar a questão. Isso pode ajudar a superar um paradoxo ainda maior embutido no sistema de ensino atual, que pode inadvertidamente colocar um limite no desenvolvimento intelectual dos estudantes.

Em muitas salas de aula, os alunos terão aulas e serão informados sobre as descobertas científicas de Einstein e Galileu, as peças de Shakespeare e as façanhas de Napoleão. Eles vão ouvir, aprender e fazer anotações. E então lhes será aplicada uma prova em que serão solicitados a contar o que lhes foi dito. No entanto, a principal razão pela qual estão aprendendo sobre esses indivíduos é porque Einstein, Galileu, Shakespeare e Napoleão alcançaram grandes feitos, ignorando a sabedoria convencional e sendo corajosos o suficiente para questionar pressupostos longamente estabelecidos.

Será possível que os alunos aprendam o que estas grandes mentes alcançaram, mas nem sempre a lição mais valiosa, que é a de como eles fizeram isso?

A escola de Arte ajudou Gompertz (2015) a pensar de forma independente e a desenvolver confiança para gerar suas próprias ideias em resposta ao estudo de um problema. Ele foi ensinado a olhar, compreender, julgar e, em seguida, produzir um objeto físico que abordasse as questões que queria explorar. Os “fatos” eram o ponto de partida e não a conclusão. O

que importava era o que ele fazia com a informação que recebia.

O método, os materiais e o meio ficavam por conta da decisão dele – assim como a interpretação. A suposição básica era a de que a vida é incerta e de que nunca há uma única resposta. Todas as coisas precisam ser consideradas, e pontos de vista diferentes são inevitáveis.

Isso nos faz pensar sobre o valor real do nosso atual sistema

público de avaliações, baseado em regurgitar a informação recebida. Evidentemente, os princípios têm de ser aprendidos, e alguma forma de teste ou exame é útil. Mas esses exames deveriam ser baseados principalmente na retenção de conhecimento. Não serão, de certa forma, uma ferramenta inútil, quando quase

todos os fatos estão apenas a um clique de distância? Além disso, não existe o risco de que esses testes exponham apenas o que um jovem não sabe, em vez de fornecer a ele uma oportunidade para mostrar o que sabe?

E se o *status* da criatividade nas escolas e universidades fosse elevado? As escolas poderiam, então, se sentir encorajadas a assumir uma abordagem do modelo de escola de Arte para a educação como um todo, concentrando mais o currículo em projetos que os alunos ajudariam a definir e menos nos exames. Talvez premiar o novo e o interessante, em lugar do certo e do errado, ajudasse a desenvolver mais habilidades necessárias para

uma identidade criativa. Tal abordagem poderia dar aos alunos mais oportunidade de criticar o trabalho uns dos outros, em discussões facilitadas por um professor cujo papel não seria necessariamente o de ter todas as respostas, mas garantir uma interação sócrática<sup>2</sup> que levaria a revelações e progresso. O

**“Será possível que os alunos aprendam o que estas grandes mentes alcançaram, mas nem sempre a lição mais valiosa, que é a de como eles fizeram isso?”**





## artigo

foco não seria ridicularizar ou diminuir, mas expandir horizontes, identificar problemas e resolver incoerências.

Essa foi a experiência de Gompertz (2015) na escola de Arte, onde ele aprendeu a ser crítico e a ser criticado, um processo que lhe ensinou rigor intelectual e resiliência emocional – ambos absolutamente essenciais em qualquer esfera da criatividade. Ele deixou a escola como todos os alunos deveriam deixar: autoconsciente e autoconfiante.

Desconfio que exista uma informalidade nas escolas de Arte que favoreça a criatividade. É claro que isso nem sempre é fácil na esfera da educação básica, mas será que não poderia ser uma meta, mesmo assim? Não poderíamos pensar em escolas mais parecidas com centros de criatividade e autodescoberta?

Uma mentalidade de escola de Arte pode não só ensinar aos alunos como ter boas ideias, mas também, a gerar a

atitude empreendedora necessária para realizá-las. Presume-se em muitas escolas de Arte que a maioria dos alunos provavelmente irá realizar suas ambições por meio de trabalho autônomo. Assim, em vez de uma série regular de aulas conteudistas, ensinam-se aos alunos de Arte modos de produzir ideias e executá-las da forma mais criativa possível.

Escola de Arte ou não, os estudantes, ao se formarem, precisam se tornar indivíduos de mentalidade independente, intelectualmente curiosos, autoconfiantes, engenhosos, preparados e animados com relação ao futuro e à contribuição que têm a oferecer. Isso nem sempre acontece hoje, quando os jovens, muitas vezes, saem da escola com uma sensação de inferioridade, sentido-se fracassados e com pouca confiança. Não tenho certeza se isso é bom para alguém.

Quando Gompertz (2015) questiona que: "Seria melhor se todas as escolas fossem escolas de Arte? Acho que sim, concordo com ele. Mas, seja qual for o seu ponto de vista, há poucas áreas mais emocionantes do que a educação em nossa era



**“ Uma mentalidade de escola de Arte pode não só ensinar aos alunos como ter boas ideias, mas também, a gerar a atitude empreendedora necessária para realizá-las. ”**

digital. Sei que a tecnologia e a mídia são mais atraentes, mas, a julgar pelo potencial inexplorado entre educação e tecnologias a espera de ser notado por uma nova geração de pensadores e realizadores, duvido que haja qualquer coisa que vença a educação como um lugar para se trabalhar imediatamente.

### Nota de rodapé

<sup>1</sup> Baseado no método socrático (Sócrates) em não pressupor nada e questionar tudo em busca de verdades absolutas.

### Referências bibliográficas

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOMPERTZ, Will. **Pense como um artista...** e tenha uma vida mais criativa e produtiva. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.



LUCIRENE CATINI LANZI  
Doutora em Educação.  
Mestre em Tecnologia da Informação.  
Arte/Educadora no Colégio Cristo Rei.

# resenhas

## e sugestões



Sugestão de livro:

### *Bem do seu tamanho*

Criança ou adolescente? Pequena ou grande?

Dilemas do crescimento, tratados de forma lúdica, são tema de livro de Ana Maria Machado

Pequena para fazer algumas coisas, grande quando os pais diziam que estava agindo como um bebê... Qual seria, afinal, o verdadeiro tamanho de Helena? Ela precisava saber. Por isso, saiu pelo mundo com Bolão, seu Boi de Mamão feito do mamoeiro do quintal.

Em sua jornada, Helena encontra novos amigos e também descobre que tamanho é sempre uma questão de ponto de vista ou vontade, pois ser pequeno ou ser grande o tempo todo é mesmo muito chato.

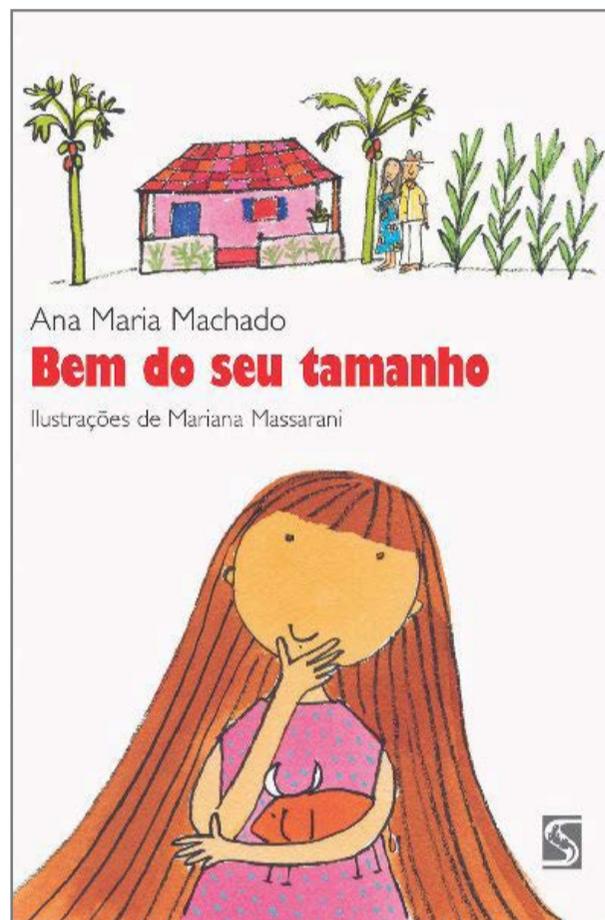
Em Bem do seu tamanho, Ana Maria Machado mostra ao leitor a importância da imaginação, combinando uma história divertida com um criativo trabalho com a linguagem.

Indico esse livro, pois é muito divertido e de fácil relação com histórias do nosso cotidiano. É uma ótima sugestão de leitura e está disponível para empréstimo na Biblioteca do Colégio Cristo Rei.

#### **Sobre a escritora**

Ana Maria Machado é uma das principais responsáveis pelo lugar de destaque que é ocupado pela literatura infantil e juvenil brasileira. Teve uma participação fundamental nessa conquista. Em mais de 30 anos de carreira, ela tem criado personagens inesquecíveis, enredos fascinantes, sempre inovando a linguagem e mantendo a alta qualidade literária e artística em seus textos.

Em 2000, Ana Maria Machado recebeu, pelo conjunto de sua obra, o prêmio internacional Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura para crianças e jovens.



#### **Ficha Técnica**

Autora: Ana Maria Machado  
Ilustrações: Mariana Massarani  
Editora: Salamandra Moderna  
Edição: 2  
Ano: 2013  
Encadernação: BROCHURA  
Nº de Páginas: 64



LAURA TACKEY GONÇALVES  
Colaboradora da Biblioteca do Colégio Cristo Rei



## redações de alunos

### PROPOSTA DE TEXTO

#### CONTO

*Redija um final alternativo para VENHA VER O PÔR-DO-SOL, conto de Lygia Fagundes Telles.*

"(...)

*– Boa noite, meu anjo.*

*Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.*

*– Não...*

*Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrecrocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano:*

*– NÃO!*

*Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar mortiço. Ficou atento. Nenhum ouvido humano escutaria agora qualquer chamado. Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda."*

#### FINAL 1

Raquel foi sentindo a total ausência de Ricardo. Gritou pelo seu carrasco por um determinado tempo e sacudiu a portinhola com uma força que jamais imaginara ter.

Mas, agora, já sem esperanças, a falta de ar pelo fato de estar presa naquele buraco pútrido dentro daquele cemitério maldito a consumia por inteiro. No fundo ela sabia que ele a tinha abandonado, porém o desespero confundia a sua mente, já perturbada por remorso e problemas emocionais.

Alguns dias se passaram e seu estado era deplorável: corpo quase anorético, rosto totalmente pálido e boca seca. Sua força ia se desfazendo como uma escultura na areia. Escorada a um caixão dentro daquela catacumba fétida, não apenas sofria as consequências físicas da situação em que se encontrava, mas também era torturada por sua consciência.

Foi desfalecendo aos poucos, quando, de repente, seus braços caíram, sua boca pendeu em seu último suspiro de vida. E ali Raquel adormeceu por toda a eternidade.

Gustavo Crescenti Tukan e Felipe Baumgartner Inada  
Alunos do 9º ano - Ensino Fundamental



## redações de alunos

### FINAL 2

A tarde caía e Ricardo continuava com seus passos firmes, indiferente a toda paisagem pobre que ultrapassava. Já fora do cemitério, o negror da noite ia se intensificando a cada esquina e as imagens do desespero de Raquel, aos prantos e gritos, agora não o incomodavam mais. Por mais que ela gritasse, ninguém ouviria seus berros e choros.

Por algum tempo Raquel ainda permaneceu ali, escorada à grade. Aqueles minutos mais lembravam uma eternidade em meio aos túmulos esquecidos daquele cemitério abandonado. "Não... Não... ele não poderia ter feito isso comigo..." . Falava consigo mesma, enquanto tentava, em vão, recobrar os sentidos.

De repente seus gemidos são perturbados por uma voz chorosa. Quem seria? Percebe que os ecos de choro vinham do fundo da catacumba em que ela estava. Como o lugar já não tinha tanta luz, pois o dia já começava a findar-se, sentiu um arrepio e estremeceu de medo.

E na penumbra daquele lugar horrível se contorce de pavor e descrença ao ver a imagem de uma jovem pálida de fitinha azul nos cabelos desgrenhados se aproximando. Desesperada, sente uma força sobrenatural que a atrai para o fundo do mausoléu.

- Não é possível... Não! Você... – Balbuciava desesperadamente, agarrando-se à grade.

- Você está morta... Não pode ser!!! – Repetia para si mesma na tentativa de acordar daquele pesadelo.

A figura da jovem aumentava aterrorizadamente à medida que o pavor de Raquel crescia. Até que aquele interminável minuto de silêncio e horror é cortado com um grito agonizante...

- Ahhhhhhhhh! Raquel cai no chão inerte.

Nesse mesmo instante, Ricardo interrompe sua caminhada, vira-se em direção ao cemitério e com um sorriso maquiavélico no rosto diz:

- Boa noite, Raquel!

E, então, volta a caminhar apressadamente.

Nicolas Kenji Dias Takahashi e Carolina Dias de Moura  
Alunos do 9º ano - Ensino Fundamental



### COMENTÁRIO DA PROFESSORA

Utilizando adequadamente os componentes estruturais da narração original (narrador, espaço, personagem e enredo), os autores destas redações souberam interpretar o conto Venha ver o pôr-do-sol, reconhecer o conflito e construir um desfecho adequado, inédito e muito bem planejado, conforme as exigências da proposta. Parabéns, alunos! Estou orgulhosa, vocês foram criativos e geniais!

ELIANA NOGUEIRA DE  
LIMA PASTANA  
Mestre em Letras  
Professora de Gramática  
e de Redação do Colégio  
Cristo Rei





## redações de alunos

### PROPOSTA DE TEXTO

#### CARTA DO LEITOR

UEM – 2017

**CONTEXTO DE PRODUÇÃO:** Você está em sua página pessoal de uma rede social quando, no feed de notícias, depara-se com o texto “Idosos órfãos de filhos vivos são os novos desvalidos do século XXI”, publicado na revista Pazes. O título desperta sua atenção, pois você tem uma avó. Ao ler o texto, percebe que, assim como seus pais, você contribui para a solidão dela. Você sente, então, que deve participar mais da vida de sua avó e resolve escrever para a revista onde o texto foi publicado.

**COMANDO DE PRODUÇÃO:** Escreva uma CARTA DO LEITOR endereçada à revista Pazes, comentando o texto “Idosos órfãos de filhos vivos são os novos desvalidos do século XXI”, de Ana Fraiman, relatando como era a relação de descaso, sua e de seus familiares, para com sua avó e informando como pretende agir a fim de estabelecer um “verdadeiro diálogo” com ela. Sua carta deve ter o mínimo de 10 e o máximo de 15 linhas. Não dê nome à sua avó, para manter a privacidade dela e de sua família. Assine apenas como Leitor ou Leitora.

Parabéns à Revista Pazes pela matéria “Idosos órfãos de filhos vivos são os novos desvalidos do século XXI”, de Ana Fraiman. Achei muito interessante, respeitosa e até carinhosa, a maneira como a revista abordou o assunto. Após ler esse texto, pensei e mudei meu comportamento em relação a minha avó, pois percebi que a tratava de forma inadequada. Não dialogava e nem a escutava com a devida atenção que ela merece. Mostrei esse texto ao meu pai e ele também se comprometeu em me ajudar. A partir de agora, vamos visitá-la mais vezes, ouvir suas histórias e observar seus trabalhos de costuras e crochê. Prometo, também, quando estiver na casa dela, não ficar com o celular nas mãos e dedicar toda a minha atenção a ela. Esta matéria me fez refletir que o tempo não volta, por isso quero participar mais da vida de minha avó enquanto ela estiver aqui conosco. Enfim, creio que não só eu e meus pais agíamos assim, mas várias outras pessoas que, na correria dos dias, acabam se ‘esquecendo’ dos avós e do dever solidário para com eles. Na verdade, todos deveriam ler esta matéria e refletir sobre esse assunto.

Leitor

Rafael Antônio da Silva Manechini  
Aluno do 9º ano - Ensino Fundamental



#### COMENTÁRIO DA PROFESSORA

Tomando por base o gênero textual solicitado, observa-se que o aluno construiu adequadamente um texto no gênero carta, pois apresenta, em sua dimensão estrutural, elementos fundamentais: saudação, objetivo, fecho e assinatura sem identificação. Além disso, este aluno obedece às instruções contidas na proposta da redação e utiliza um padrão de linguagem próximo à modalidade oral formal, o que demonstra uma opção bastante favorável ao gênero solicitado. Dentro deste requisito, podemos dizer que este texto atende perfeitamente ao que foi proposto pela instituição. Parabéns, Rafael!



# redações de alunos

## PROPOSTA DE TEXTO

### DISSERTAÇÃO

#### *FUVEST – 2012*

Com base na coletânea proposta, redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema:

### PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: INDISPENSÁVEL OU SUPERADA?

#### INSTRUÇÕES

A redação deve obedecer à norma padrão da língua portuguesa. Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível. Dê um título a sua redação.

Leitor

#### LOBOS E OVELHAS

Na Grécia antiga, os cidadãos eram estimulados a participar da política. Em 2011, a revista Time considerou como pessoa do ano aquela que protesta e reivindica seus direitos. No entanto, nos dias em que vivemos, muitos se consideram apolíticos por não se interessarem por essa ciência e 'participarem' da política somente no período eleitoral.

Embora haja controvérsia, essa postura é lamentavelmente um tipo de participação política que prejudica o nosso país. O apolítico, pelo fato de apenas cumprir com seus deveres eleitorais, favorece a permanência de políticos corruptos e colabora, indiretamente, para a desordem da sociedade. A fim de que essas pessoas 'desinteressadas em política' não sejam mais aliciadas pelos 'lobos governantes', devemos incentivá-las a participar mais da vida social de seu país, votando conscientemente.

Ainda que o indivíduo deseje ser apolítico numa sociedade organizada por regras, é impossível afirmar que ele nunca se relacionará, direta ou indiretamente, com política. Ao atravessar a rua numa faixa de pedestres, ao fazer um financiamento para aquisição de algum bem material, ao fazer reclamações sobre a condição do transporte público, do trânsito nos meios urbanos, da inflação, da violência urbana ou da qualidade dos setores públicos tanto de saúde como de educação percebe-se que essa ciência é indispensável para a participação das pessoas na sociedade atual. Por isso, é igualmente fundamental incentivar uma cultura de participação política além da época eleitoral.

Tomando por base regimes democráticos da Grécia antiga, precisamos incentivar (e cobrar) o engajamento político de todos para que possamos nos tornar uma sociedade participativa que exerce, plenamente, sua cidadania. Dessa forma, fica claro que participação política pode ser bem mais do que uma ovelha votar em um lobo em época de eleição.

Henrique Monteiro Messas  
Aluno da 1ª série do Ensino Médio



## redações de alunos

### PROPOSTA DE TEXTO

#### *UNICAMP - 2005*

Com base na coletânea proposta, trabalhe sua dissertação a partir do seguinte recorte temático: “permanente reconfiguração do rádio, com suas mudanças na forma de transmissão e de recepção, mostramos a força desse meio de informação, divulgação, entretenimento e contato.”

#### INSTRUÇÕES:

- Discuta o rádio como meio de difusão e aproximação;
- Argumente no sentido de demonstrar sua atualidade;
- Explore argumentos que destaquem as várias formas de sua presença na sociedade.

#### O RÁDIO NO BRASIL

É impressionante o desenvolvimento da tecnologia no final do século XIX e começo do século XX, época em que surgiram vários meios de comunicação como fax e rádio.

A primeira transmissão de rádio no Brasil teve início em 7 de setembro de 1922, na cerimônia de abertura do Centenário da Independência, na Esplanada do Castelo. Naquela época, a população achou que era algo sobrenatural, alguns até se assustaram com a “caixa que fala”. No começo, como não existiam pilhas, o rádio era acoplado a uma bateria, por isso era bem maior que os atuais.

Entretanto, por ser prático, de fácil acesso e um ótimo veículo de informação, foi até utilizado para propaganda política na Era Vargas com a Hora do Brasil, em 1935. Além disso, tornou-se muito popular e utilizado para transmitir publicidades, programas de entretenimento e notícias. As principais atrações eram as radionovelas e as notícias veiculadas pelo histórico Repórter Esso, programa apoiado pelo então presidente Getúlio Vargas.

Como ao longo dos anos o rádio foi se adaptando, manteve-se indispensável pela sua diversidade nas programações. Hoje coexiste com a internet e com a tevê, transmitindo informações online e servindo, ainda, como meio de entretenimento para a população.

Nicolas Gargan Yano  
Aluno da 1ª série do Ensino Médio



# redações de alunos

## PROPOSTA DE TEXTO

UNESP - 2011

Levando em consideração, se achar conveniente, os textos de apoio desta coletânea, escreva uma redação de gênero dissertativo, em prosa obediente à norma culta da Língua Portuguesa, sobre o tema:

### GRAFITE: ENTRE O VANDALISMO E A ARTE

#### GRAFITE: VANDALISMO OU ARTE?

Grafite, assunto polêmico e que vem sendo muito discutido nas grandes cidades, já que algumas pessoas o consideram arte, e outras, vandalismo.

Primeiramente, deve-se considerar que a arte do grafite colore as cidades cinzentas, trazendo mais alegria a turistas e moradores. Além disso, essa arte pode ser considerada um dos símbolos da liberdade artística, valorizando talentos, especialmente, nas camadas mais baixas da população.

Algo recente que repercutiu bastante na mídia foi o fato de o atual prefeito de São Paulo delegar que várias imagens grafitadas do viaduto da Avenida 23 de Maio fossem cobertas de cinza, alegando que isso fazia parte do projeto "São Paulo: cidade linda". Essa ação recebeu apoio, mas também uma chuva de críticas de artistas de várias áreas e de paulistanos comuns que criticaram a falta de diálogo na tomada de decisões e acusaram o poder executivo de apagar grafites mesmo sem estarem "danificados" por pichações.

Como no Brasil tanto pichação como grafite feitos em prédios públicos ou privados, sem autorização, é ato de vandalismo e considerado crime com pena prevista de três meses a um ano de prisão mais o pagamento de multa, grafiteiros que agem de acordo com a lei podem ser confundidos com pichadores e sofrerem discriminação por parte da sociedade.

Enfim, a implementação de áreas livres para a prática do grafite, como algumas cidades já têm feito, pode ser uma boa solução para trazer um novo colorido aos espaços públicos e afastar a discriminação que grafiteiros sofrem. Quanto aos pichadores, é preciso entender quem são essas pessoas, ver se elas têm acesso à entretenimento e à cultura e fomentar práticas e políticas públicas para que se expressem de outras maneiras que não o picho. Encaminhar "esses vândalos" para detenção ou apenas apagar e 'calar a voz deles', não resolve.

Laura Barros Faganello  
Aluna da 1ª série do Ensino Médio



## COMENTÁRIO DA PROFESSORA

Estas redações, além de atender aos critérios propostos da coletânea, são equilibradas, objetivas, claras, compostas com simplicidade e boa estrutura dissertativa. A contribuição pessoal, a informatividade e a visão crítica confirmam a consistência no desenvolvimento dos argumentos para defender a tese (ideia principal); característica importante e muito bem-vinda em um exame de vestibular. Parabéns, alunos!

ELIANA NOGUEIRA DE  
LIMA PASTANA  
Mestre em Letras  
Professora de Gramática  
e de Redação do Colégio  
Cristo Rei





**Revista inovar**

